



A EXECUÇÃO ESTATAL E CIVIL MILITAR DE FEDERICO GARCÍA LORCA: A PARTIR DA ANÁLISE DE GÊNERO, DA MASCULINIDADE ENQUANTO CONSTRUÇÃO SOCIAL E DO PRINCÍPIO DA DIVERSIDADE.

Rodrigo Horta de Sousa¹

Trabalharemos com uma análise de gênero e utilizaremos como subtema deste marco teórico e metodológico a categoria de masculinidade. Manusearemos as reflexões de Judith Butler na questão referente a gênero.

Partiremos da perspectiva de compreender o gênero como uma performance cultural, ou seja, de partir de uma certa norma de naturalidade encontrada na sociedade, sobre o que é ser homem ou mulher, que se encontra diretamente vinculado as noções de como afirmar a masculinidade ou a feminilidade, ou em quais espaços e em quais momentos é melhor ser masculino ou feminino, e esta performance, segundo Butler (2014) é constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas.

Nesse sentido as problematizações de Butler sobre gênero vão na perspectiva de perceber como as normas do falocentrismo e da heterossexualidade compulsória atuam sobre o corpo individual, e se estendem sobre a sociedade como regras que fazem um corpo e suas performances, ora ser mais positiva ora negativa.

Butler com a crítica da diferenciação binária, o que significa na prática, a desnaturalização do sexo biológico baseado na ideia de macho e fêmea, e sua determinação direta com as ideias de homem e mulher e suas extensões de que para ser homem precisa-se ser masculino e para ser mulher tem-se a incorporação da feminilidade. Assim ao manusear a discussão de Butler sobre a questão de gênero, (2014) para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo

¹ UFMG – Curso de especialização *latus sensu* Gênero e diversidade na escola.
e-mail – sousahystoriador@yahoo.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.

Butler então vai concluir que se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado levado a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos.

Este debate coloca a problematização de que o (2014) próprio construto chamado sexo seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma.

Nesse sentido podemos problematizar o corpo, ou o desconstruí-lo como uma unidade, como essência global ou holística, pois desvincularemos a ideia de macho e fêmea, como definidores de sexos das suas vinculações com as ideias de homens masculinos e de mulheres femininas, e a partir deste momento o corpo segundo Butler (2014) será um meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado, sendo portanto os corpos que constituem o domínio do sujeito em uma marca de gênero.

Assim Butler problematiza:

Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero. (BUTLER, 2014, p. 28)

Butler novamente nos serve de referencial teórico e metodológico quando problematiza a seguinte questão:



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Como ponto de partida de uma teoria social do gênero, entretanto, a concepção universal da pessoa é deslocada pelas posições históricas ou antropológicas que compreendem o gênero como uma relação entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis. Este ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa “é” – e a rigor, o que o gênero “é” – refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada. Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes. (BUTLER, 2014, p. 29)

Os interesses colocados neste trabalho a partir do referencial de gênero vai, ao encontro de como um corpo ou um indivíduo, reconhecido como homossexual torna-se um símbolo de ódio, e as tensões sociais e os processos de disputa política e econômica levam, os agentes sociais hegemônicos dentro da heterossexualidade compulsória, a exterminar este corpo e pessoa.

E para compreender este processo utilizaremos a noção de gêneros inteligíveis que Butler utilizou nos seus estudos (2014), que seriam aqueles que instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios são concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência e são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual.

Butler (2014) afirma que a “coerência” e a “continuidade” da “pessoa” não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas.

Nesse sentido o referencial de gênero será utilizado em um contexto de transformação social, político e econômico, onde sujeitos em condição de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

subalternidade dentro da norma de heterossexualidade compulsória – mulheres e gays – passaram a ocupar uma posição de protagonismo, político e militante dentro do espaço público, reconhecidamente, como espaço de dominação absoluta do homem, masculinizado e heterossexual, e suas ações, políticas, militantes e artísticas criarão tensões e atritos com os gêneros “inteligíveis” de então.

As ações dos sujeitos subalternizados promoverão tensões e fricções com a norma padrão da masculinidade heterossexual do gênero culturalmente constituído. E isto será captado pela descontinuidade entre o construto do sexo biológico e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual, por se tratar de um sujeito homossexual e da mulher enquanto feminilidade pensada como o outro da masculinidade.

Quando utilizamos a ideia da distinção entre sexo e gênero de Butler como uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gênero culturalmente hegemônico, partimos do princípio que o empoderamento de sujeitos homossexuais em um contexto de polarização social e política poderia gerar ódio nos agentes sociais hegemônicos da heterossexualidade compulsória, pois em se tratando da homossexualidade o senso comum hegemônico estabelece a subversão do gênero culturalmente constituído, enxergando o homem pelo sexo, mas joga os atributos da feminilidade para inferiorizar o sujeito homossexual devido aos seus desejo e prática sexual por outro homem no quesito desejo sexual. Seria desta quebra do gênero inteligível, que brotaria as violências, ódios e xingamentos aos homossexuais?

No contexto de uma polarização política e social, a ida de sujeitos em condição de subalternidade ao espaço público, defendendo ideias de transformação e de flexibilização das normas de heterossexualidade compulsória representaria algum perigo a este corpo? Acreditamos que sim, na perspectiva de que a ida do sujeito homossexual ao espaço público feita a partir de convicção política projetaria sobre este o construto da masculinidade como construção social. Isto significaria a desestabilização da norma de heterossexualidade compulsória?



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sim.

Primeiro, criando um reforço do ódio e da desqualificação do homossexual na perspectiva do sujeito afeminado, situação percebida pelo uso das expressões marica ou bicha. Podemos perceber que o contexto social então impõe sobre o homossexual o construto da feminilidade para marcar a descontinuidade entre o sexo biológico, a noção de gênero culturalmente constituído e o desejo e a prática sexual por alguém do mesmo sexo.

O segundo ponto perceptível do reforço do ódio e da tensão causado pela entrada do sujeito homossexual no espaço público é que o suas ações políticas, militantes e artísticas vão afastar o seu corpo, em um processo de subjetivação, as noções de feminilidade e afeminação, para reforçar noções e virtudes da masculinidade. Poderemos justificar que esta descontinuidade, do ponto de vista dos agentes sociais hegemônicos, reforça um ódio fundamentado pela noção de heterossexualidade compulsória, pois os mesmos, enxergam a possibilidade de alternativas para além do macho – homem – masculino – heterossexual e fêmea – mulher – feminilidade – heterossexual, sendo afirmado um princípio de diversidade na sociedade.

O trabalho dialogará com um determinado conjunto de fatos, ou acontecimentos, que ocorrem em um evento histórico que foi cunhado como Guerra Civil Espanhola que teve início em 1936. O conjunto de fatos a ser analisado no presente trabalho pode ser reunido e explicitado como, *execução Estatal do dramaturgo e poeta Federico García Lorca*, a análise usará como fonte histórica o momento em que Lorca estando em Madri e tendo conhecimento do início da sedição dos segmentos militares arregimentados em Marrocos, que eram as tropas mais experientes do Exército Espanhol se rebelam contra o Governo da República e dão início ao golpe que levará ao poder o posterior ditador Franco. Lorca decide retornar a Granada, e então acaba sendo preso por elementos jovens de uma espécie de polícia política da falange – grupo político conservador, reacionário e de tendências autoritárias e com germes de totalitarismo -, que o coloca em cativeiro, e que em dias resulta no sumiço da sua pessoa para os amigos e parentes,



o que levaria a sua execução com relatos de que o dramaturgo e poeta granadense foi executado com dois tiros pelo ânus.

A execução de Federico García Lorca será projetada como resultado da subversão das noções de heteronormatividade dos setores sociais conservadores da Espanha dos anos 30 do século XX, apresentando uma chave de leitura para a sua execução e para a problematização dos fatos acima. Afirmaremos a tese que Lorca junto com a sua obra teatral representavam questionamento à noção de masculinidade que era um elemento estruturante de uma sociedade hispânica calcada na heterossexualidade compulsória.

Afirma-se que a execução Estatal e civil-militar de Federico García Lorca foi estimulada por uma postura de promoção de críticas a uma dinâmica de dominação hegemônica da masculinidade, externando as fontes e origens desta dominação, assim como a defesa da subversão do ideal de feminilidade como sendo a caracterização do oposto desqualificado e inferiorizado do masculino.

A obra teatral de Lorca estabelece então uma tensão na sociedade espanhola que era organizada pela lógica dos gêneros “inteligíveis”, suas personagens femininas têm o gênero culturalmente estruturados deslocados do sexo biológico, na perspectiva que Lorca as coloca em um contexto de associar o casamento arranjado como uma relação que exclui da relação sexual feminina o prazer sexual, problematizando que a relação sexual não pode ser pautada apenas no princípio da procriação. Nesse sentido Lorca subverte ideias que a sociedade heterossexual masculinizada projeta como característica do feminino.

Nos anos 20 e 30, temos um autor que com uma obra teatral, ou seja, pelo viés cultural, externa críticas, e mostra que a realidade social não se pauta pelo senso comum que estabelece a dominação da masculinidade como padrão hegemônico. Isto coloca que a construção teórica de gênero dos anos 60 e 70 do século vinte tem bases sólidas vinda da realidade empírica, factual, social e cultural, e isso apenas fortalece a



construção metodológica de gênero dos anos 70, contra uma ciência que deseja a manutenção de uma masculinidade hegemônica.

Butler com o seu referencial teórico de gênero nos permite ser o clarão de Walter Benjamin, que nos ilumina no momento do perigo e nos revela o passado não tal como ele foi, mas como uma recordação pelos dilemas do presente e pela dominação de classes, que geraram os acontecimentos do passado. Nesse sentido é possível compreender o processo da Guerra Civil espanhola como campo onde estava presente o conflito entre a defesa da masculinidade heterossexual compulsória versus o princípio de uma sociedade diversa. É nesse sentido que concordamos com o princípio de que a Guerra Civil Espanhola tem em si um discurso cultural hegemônico baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem de uma racionalidade universal – da masculinidade heterossexual –, que se expressa com violência frente aos agentes sociais subalternizados e vistos como abjetos no momento da quebra constitucional para a defesa da sua norma reguladora dos seus valores, paralisando um processo de transformação social que pode ser problematizado pelo viés de gênero.

Assim usar Butler e a teoria social do gênero nos permite projetar a Guerra Civil Espanhola como um contexto especificável da masculinidade que estabeleceu uma fricção com a atuação política, militante e artística de Federico García Lorca que projetou sobre este um conjunto de relações, culturais e historicamente convergentes de desconstrução de uma concepção universal de pessoa e materializou sobre o dramaturgo – na visão dos agentes sociais hegemônicos falangistas – uma possibilidade fora da noção de gênero “inteligível” da masculinidade heterossexual compulsória. Criando corpos e dramaturgia com gêneros para além dos inteligíveis.

A relação entre o drama de dominação feminina frente a personagens masculinos patriarcais levou-me diretamente ao debate de Judith Butler, sobre gênero, pensando que sua ferramenta teórico metodológica serviria para explicar e apresentar uma interpretação analítica onde Lorca promove questionamentos da construção de gênero, flexibilizando a maneira, como a sociedade patriarcal enxergava o seu arquétipo de



mulher ideal dentro das normas desta sociedade. E esta hipótese serviria de fio condutor para pensar porque Lorca seria tão perigoso quanto um anarquista ou comunista armado contra os franquistas.

Acredita-se que Lorca seria mais perigoso, que políticos socialistas, comunistas e trabalhistas, a frente de um governo Republicano, na perspectiva de flexibilizar as hierarquias sociais geradas pela diferenciação sexual binária.

Lorca seria mais perigoso que isto, Lorca flexibilizaria a hierarquia simbólica da espada, ou seja, poderia mostrar que o poder absoluto do *pater familiares* era uma ilusão e que poderíamos forjar uma nova mulher com novos desejos e lugares não pautada na hegemonia da masculinidade, mas, na diversidade, ou seja, na flexibilização da norma.

Para se analisar e compreender o processo de **execução Estatal e Civil – Militar de Federico García Lorca** é necessário Relacionar o indivíduo, corpo e pessoa com o contexto histórico da época. Quando colocamos isto, é porque o presente trabalho caminhará na perspectiva de olhar o contexto da sociedade espanhola e da Guerra Civil Espanhola sobre o prisma da manutenção de uma masculinidade hegemônica. A partir daí teremos um sujeito e ações políticas que estabelecia tensões com o padrão hegemônico de masculinidade da época, e a partir daí compreender que a subversão da ordem legal e institucional da República, e o início da Guerra Civil permitiu que os agentes sociais conservadores pudessem usar a força de repressão Estatal pautados por uma lógica do ethos guerreiro da violência como pilar da honra para promover a eliminação daqueles agentes que criticavam e que se encontravam a margem da noção de masculinidade e de heteronormatividade da época.

Para promover a análise acima vamos encaminhar como processo metodológico o debate feito por Pedro Paulo de Oliveira² onde utilizaremos a concepção de

² “A luta em torno dos valores nacionais permitia que os ideais de masculinidade apregoados pela instituição militar atingissem de modo uniforme as populações masculinas de todos os segmentos. A partir daí, o *ethos* guerreiro, muito cultivado no exército, dissemina-se e passa a ter ampla valorização social.” PAULO DE OLIVEIRA, Pedro. A construção Social da Masculinidade. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

masculinidade como resultado de complexas construções culturais que se localizam no processo de transição da sociedade medieval para a sociedade moderna, sendo que o referido autor compreende que os elementos fundantes para esta construção é a formação do Estado nacional Moderno seguido da criação de instituições militares com a brutalização dos agentes.

No período da época moderna o surgimento do ideal burguês e dos valores de classe média, calcado no pragmatismo dos negócios, na personalidade moderna e no culto da ciência com o método – racional conjugando-o na forja do moderno ideal de masculinidade como um outro elemento a ser amalgamado no ethos guerreiro medieval. Sendo que no Ocidente usa-se de um mito, que segundo Pedro Paulo de Oliveira é o da projeção social que a masculinidade reflete como características cultuadas como fundamental para a vida coletiva.

Para Pedro Paulo de Oliveira podemos buscar os símbolos da masculinidade em dois períodos históricos diferentes, o medieval e o moderno, sendo que esses valores e símbolos serão amalgamados com permanências e mudanças que modelaram a ideia de masculinidade. Do período medieval busca-se a ideia do duelo que será associado à honra masculina, assim como a coragem e o sangue – frio, a honra nesse contexto medieval era uma expressão do poder de sangue da qualidade da estirpe aristocrática, nesse contexto, segundo Pedro Paulo, ser chamado de covarde era o pior insulto que alguém poderia receber, pois, isso conspurcava sua honra, atingindo uma dimensão temporal que compreendia o seu passado social e a sua origem, sua ascendência, colocando em dúvida, o caráter de sua prole e de toda a sua descendência futura. Assim coragem e ousadia eram virtudes que todo homem honrado deveria possuir fazendo o ideal da masculinidade girar sempre em torno de sua presença ou ausência.



Segundo Mosse o ideal de cavalaria foi produzido pela sociedade feudal em seu declínio, quando aristocracia se apegou a um código de honra como símbolo de sua autonomia.³

A assertiva de Mosse nos permite interpretar que a noção de honra medieval foi reforçada em um momento de crise histórica, crise que levaria à destruição do modelo sócio-econômico do feudalismo, para o capitalismo, isso nos permite afirmar que o padrão de masculinidade pode se tornar mais visível, arraigado ou até violento em momentos de crise, onde um modelo hegemônico político, econômico e social encontra-se a beira de se desfazer, isso nos leva a trabalhar com a hipótese que o início da Guerra Civil Espanhola tenha reforçado noções de masculinidade que levaram agentes sociais a eliminarem Federico García Lorca pois seu corpo, ação política e sua obra dialogavam para além do padrão de masculinidade e da heteronormatividade da sociedade espanhola dos anos 30 do século XX. Podemos deduzir que a tensão de Lorca e de sua obra com o padrão de masculinidade eram protegidas, pelas ideias de liberdade e constitucionalidade da República, que refreavam os impulsos de violência do padrão de masculinidade, a partir do momento em que estas foram removidas podemos afirmar que os agentes sociais liberaram uma pulsão de revanche de masculinidade contida pelo *socius e estratos* da República.

Segundo Pedro Paulo de Oliveira a noção de honra medieval poderia desaguar no duelo, que é entendido por ele como um objetivo essencial de demonstrar competência e firmeza para defender ou conquistar o respeito e a honra de elementos fundamentais para a garantia de uma digna inserção social masculina. É importante assinalar que houve uma mudança seguida de uma incorporação do signo do duelo pela burguesia. Onde a ênfase da bravura, da ousadia e do destemor deslocou-se paulatinamente para a questão da firmeza, do autocontrole e da contenção.

Seguindo o debate feito por Pedro Paulo de Oliveira o campo de batalha era considerado como uma arena para a modelação do corpo e do espírito de legítimo varão,

³ MOSSE. The image of man. The creation of modern masculinity, p. 111.



ideia que serviria para entender a guerra como uma escola para a maturidade. Médicos alemães, higienistas franceses e literatos como Siegfried Sasson reconheciam o sacrifício militar como um caminho para o aperfeiçoamento rumo a virilidade e libertação.^{4 5 6}

O lado belicoso da masculinidade medieval e cavaleiresca foi incorporado por um padrão de masculinidade burguês, que seria necessário após a guerra, para a vida em sociedade, a guerra não pode ser uma constante, assim, logo após o seu fim, faz-se necessário, que o Estado – Nacional estimulasse uma valorização comportamental da masculinidade pautada na manutenção da Nação, assim foram amalgamadas ao homem as características do controle das paixões como forma de se construir relações sociais equilibradas e estáveis; coloca Pedro Paulo de Oliveira.

Assim se em tempo de guerra temos o arquétipo do guerreiro com suas vocações afloradas no campo de batalha, na paz temos no lugar do campo de batalha, a célula do Estado – Nação, que é a família, e neste espaço a masculinidade tende as características da moderação, o comedimento e o raciocínio no tempo de paz, para estabelecer a dominação do homem dentro deste espaço privado. Estas características de um Ocidente pós-medieval com a ponderação e o equilíbrio, autocontrole, obediência, comedimento e contenção podem ser compreendidos como qualidades masculinas vindas da face e fase do iluminismo do século XVIII.⁷

⁴ “a guerra é a nossa ruína, entretanto ela nos faz sábios”, “lutando por nossa liberdade somos livres” in: MOSSE. *The Image of man: the creation of modern masculinity*, p. 11

⁵ “a Guerra como castigo e purificação” in: BAUMAN. *Em busca da política*, p. 97

⁶ “a guerra é a nossa ruína, entretanto ela nos faz sábios”, “lutando por nossa liberdade somos livres” in: MOSSE. *The Image of man: the creation of modern masculinity*, p. 11.(5) “a Guerra como castigo e purificação” in: BAUMAN. *Em busca da política*, p. 97 (6) “a grandeza deriva do perigo, a vida cotidiana sufoca e emacula” In: MOSSE. *The Image of Man: The creation of modern masculinity*, p. 114.

⁷ “a coragem experimentada por um grande homem que luta contra as torturas e que se esforça por reprimir, fechar em si mesmo a expressão do seu sofrimento.” SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e representação*, p. 298. “Tal como nessas manifestações que conjugam potência e serenidade, inquietação e equilíbrio, da mesma forma emergem em conjugação atributos como estabilidade e excitação, vigor e moderação para integração e constituição do ideal moderno de masculinidade.” PAULO DE OLIVEIRA, Pedro. *A construção*



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Outra vertente social que contribuiu para uma construção social da masculinidade segundo Pedro Paulo de Oliveira foi a instituição da igreja que durante os séculos XVIII e XIX principalmente na Inglaterra e na Alemanha forjou uma tradição puritana em que pregava um ideal de masculinidade em que deveria prevalecer o controle das paixões, a moderação, autocontenção e disciplinarização⁸ e a pureza sexual e mental, tendo o reforço da figura paterna dentro do espaço da vida familiar.⁹

A masculinidade patenteou-se na modernidade como símbolo de um ideal de permanência, que mantinha a vida social, a família e todas as tradições contra a loucura e o ritmo infernal das mudanças típicas da sociedade industrial. Se durante os períodos de turbulência social era comum o surgimento de movimentos com caráter reacionário, conservador, de cunho político e ou religioso, que realçavam os atributos da masculinidade, agora, mesmo nos períodos pacificados crescia, com a ascensão dos valores burgueses, o enaltecimento do ideal de masculino ao lado do recrudescimento dos preconceitos e da intolerância contra aqueles que não se enquadravam no modelo masculino socialmente sancionado. A ação conjunta das instituições modernas constituía e garantia as bases sociais do modelo viril emergente. (Paulo de Oliveira, 2004, p. 48 – 49)

O escritor alemão Otto Weininger afirmava no início do século XX que o pensamento masculino era diferente do feminino, porque buscava sempre a clareza e as formas ambíguas. Essa afirmação ia ao encontro do processo de identificação entre masculinidade e valores culturais cultivados, no caso em questão, as formas de

social da masculinidade. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2004, análise de Winckelman e sua visão sobre o que viu no Laocoente.

⁸ “Em 1883, associada à Igreja anglicana, foi fundada a brigada dos garotos. Sua prioridade era a estruturação do tempo de lazer dos jovens, que deveria ser ocupado com atividades que ajudassem a desenvolver virtudes como disciplina e também bravura, no intuito de transformá-los em homens verdadeiramente cristãos. In: PAULO DE OLIVEIRA, Pedro. *A construção social da masculinidade*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2004.

⁹ “Exemplo disso foi o movimento evangélico inglês denominado Muscular Christianity, que, no século XIX, fazia a apologia da força, quando ela fosse considerada necessária, ao mesmo tempo em que incitava os jovens à prática de exercícios físicos para o fortalecimento e adequação da postura corporal. Um dos seguidores do movimento, Thomas Hugues, afirmou, em 1857, que se o jovens ingleses tivessem que lutar, eles teriam que ir até o fim. Não seria honesto, nem cristão desistir enquanto se pudesse permanecer e enfrentar. Ainda no mesmo ano, em sua novela *Tom Brown’s Schooldays*, Hugues se sentiu à vontade para defender e relatar episódios de sadismo e crueldade como necessários ao exercício da educação dos infantes, no que foi seguido por outros escritores que produziam narrativas de caráter evangélico, publicadas na Inglaterra, nessa época.” MOSSE. *The image of man. The creation of modern masculinity*, p. 49 – 50 e 101.



pensamento que se amoldariam melhor ao raciocínio científico. Pensamentos claros e precisos seriam os únicos adequados para descrever procedimentos matemáticos, lógicos e todos aqueles ligados às ciências naturais, enquanto os outros tipos de raciocínios estariam associados à feminilidade e caracterizariam as reflexões ligadas às humanidades. Desse modo, a mente científica *por excellence* ficava identificada com o masculino. O que reforçava a ideia de que cada gênero possuía uma essência baseada em atributos psíquicos.¹⁰

É a partir desse fazer científico que naturalizava e relacionava características psíquicas e biológicas às palavras feminina e masculina em campos opostos e excludentes, que pretendemos analisar a obra teatral *Yerma* de Federico García Lorca, e encontramos esse paradigma em todas as suas outras obras teatrais, onde podemos afirmar que Federico García Lorca passa a ser visto, como abjeto pelos agentes sociais conservadores e reacionários. Nossa tese, é que em suas obras teatrais Federico García Lorca promove a inversão dessas características psíquicas e biológicas entre as personagens femininas e masculinas. Assim defendemos a assertiva que Lorca constrói os personagens masculinos, pais, mães solteiras, ou homens apaixonados exclusivamente como um homem que sempre ordena com violência, aumenta o tom de voz em ordens, com o objetivo de externar o patriarcalismo como dominação, que se sustenta pela força e assim nega esse fundamento científico da masculinidade. Ao mesmo tempo defenderemos a afirmação que Lorca insere nas personagens femininas as características que a ciência do século XIX e XX tenta naturalizar, como algo específico ao masculino, e no enredo das suas peças coloca estas características nessas personagens femininas, usando as características que a sociedade entende como masculinas em momentos em que o patriarca é desafiado, e com esse recurso cênico partimos da premissa que Federico García Lorca na perspectiva e olhar dos agentes sociais reacionários da Guerra Civil Espanhola – Igreja e Exército – encenava a subversão da ordem patriarcal e masculina e por isso o mesmo era odiado, e

¹⁰ MOSSE. *The image of man*. The creation of modern masculinity, p. 70.



acreditamos que essas forças culturais da sociedade fazem explicar a sua **execução Estatal e Civil – Militar** no início da Guerra Civil Espanhola.

Outro fator importante para o trabalho a ser apresentado e depois utilizado no desenvolvimento da hipótese é como a construção da masculinidade produz uma noção do que é o feminino sempre a partir do masculino no seu oposto, o que cria uma subalternidade do feminino.¹¹ Assim, segundo Pedro Paulo de Oliveira, podemos dizer que o século XIX viu finalizar como contraponto do ideal moderno de masculinidade, e emergir paralelamente, o ideal feminino. Enquanto o masculino simbolizava a ordem e o progresso, o feminino deveria expressar a castidade, a pureza, o comedimento público e outras características que não confrontavam com a submissão da mulher às figuras masculinas, pais e marido, sobretudo. Ao homem cabia a produção do novo, as conquistas e o avanço; à mulher, cabia a reprodução do conquistado, a manutenção do passado, a submissão e a dedicação aos heróis. Os ideais assim configurados buscavam naturalizar a ideia de que o domínio público era assunto masculino, enquanto o doméstico ficaria a cargo das mulheres. Essa situação consagrava a autonomia, de um gênero e destacava a heteronomia do outro.¹²

A partir da compreensão da Guerra Civil Espanhola, como disputa entre a manutenção da hegemonia da masculinidade baseada no patriarcalismo contra a construção de uma contra hegemonia calcada na diversidade sobre a heteronormatividade

¹¹ “Ser um alter ego significa servir como depósito de entulho dentro do qual todas as premonições infáveis, os medos inexpressivos, as culpas e as autocensuras secretas, demasiadamente terríveis para serem lembrados, se despejam, ser um alter ego, significa servir como pública exposição do mais íntimo privado,, como um demônio interior a ser publicamente exorcizado, uma efígie em que tudo o que não pode ser suprimido pode ser queimado. O alter ego é o escuro e sinistro fundo contra o qual o eu purificado pode brilhar.” In: BAUMAN. *O mal estar da pós – modernidade*, p. 119.

¹² “Do ponto de vista das imagens, símbolos e representações sociais a mulher e o feminino apareciam como o outro polo, a alteridade do masculino. Assim a autentica feminilidade surgia como o inverso da masculinidade, delicadeza, beleza sensual, comedimento público e fragilidade. Todas essas características figuravam como o modelo oposto do heroico masculino e consagravam a ideia segundo a qual quanto mais feminina a mulher e mais masculino o homem, tanto mais saudáveis a sociedade e o Estado, preceito que apontava para a necessidade de que houvesse uma separação entre os sexos de modo tal que se pudesse indicar com precisão características e comportamentos típicos de cada gênero.” In: PAULO DE OLIVEIRA, Pedro. *A construção social da masculinidade*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2004.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

com a atuação dos agentes femininos e homossexuais, dentro da sociedade espanhola do final do século XIX para o início do século XX, tomaremos o indivíduo Federico García Lorca enquanto agente homossexual como chave de leitura para a subjetivação social da sua corporeidade a partir do momento em que ele consegue se construir enquanto uma personalidade pública na sociedade espanhola e na América – Argentina -. Faremos essa conjugação entre o indivíduo Federico Garcia Lorca e a sua personalidade pública – reconhecimento da obra teatral, sucesso, fama – como maneira de construir um arcabouço teórico-metodológico que consideraremos um estrato ou lugar simbólico de crítica/ameaça à masculinidade com um sentido estruturante da sociedade Espanhola no momento anterior à Guerra Civil Espanhola, que projetará sobre Lorca um imaginário que será reelaborado por ele próprio, mas que será lido e não aceito pelos agentes conservadores que vão levar à sua execução. Isto significa pensar que a construção da figura de Federico García Lorca como personalidade pública na Espanha pode ser pensada sobre o prisma de uma construção de pós-modernidade¹³ que se confrontará com um paradigma da modernidade Espanhola, forjada nos princípios, expostos até aqui, com os elementos medievais de masculinidade, aliados a um Estado – Nacional, as forças armadas, e as regras religiosas.

¹³ “Dentre as características centrais a ele associadas, podem ser citadas: a abolição da fronteira entre arte e vida cotidiana, a derrocada da distinção hierárquica entre alta – cultura e cultura de massa/popular, uma promiscuidade estilística favorecendo o ecletismo e a mistura de códigos, paródia, pastiche, ironia, diversão e a celebração da ausência de profundidade na cultura, declínio da originalidade/genialidade do produtor artístico e a suposição de que a arte pode ser somente repetição. In: FEATHERSTONE. *Cultura de consumo e pós – modernismo*, p. 25

“(…)à pós – modernidade: homogeneidade/diversidade, alienação/esquizofrenia, propósito/projeto/jogo(acaso), universalismo/localismo, poder de Estado/poderfinanceiro, ética/estética, produção (criação)/consumo(reprodução), centralização/descentralização, metateoria/logos de linguagem, política de classe/políticas de identidade, concentração/dispersão, função/ficção, epistemologia/ontologia. Todos os termos das dicotomias servem para descrever o capitalismo, mas aqueles situados à direita são hoje mais enfatizados do que os primeiros.” In: HARVEY. *Condições pós – moderna*, p. 304.



XII CONAGES
XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDREAS – SALOMÉ, Lou. **Carta aberta a Freud**. Editora Princípio: São Paulo, 2009.

ANDREAS – SALOMÉ, Lou. **O erotismo seguido de reflexões sobre o problema do amor**. Editora Princípio: São Paulo, 2000.

BENJAMIM, Walter. **O anjo da história**, organização e tradução de João Barrento. Editora Autentica: Belo Horizonte, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**, tradução Maria Helena Kühner. Editora Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2012.

BROUÉ, Pierre. **A Revolução Espanhola 1931 – 1939**, tradução Alice Kyoko Miyashiro. Editora Perspectiva: São Paulo, 1992.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**, tradução Renato Aguiar. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2014

CHABAUD – RYCHTER, Danielle; DESCOUTURES, Viginie; DEVREUX, Anne – Marie; VARIKAS Eleni. **O gênero nas ciências sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour**. Editora UNESP: Brasília: 2014

GIBSON, Ian. **Federico Garcia Lorca: A biografia**, tradução Augusto Klein. Editora biblioteca Azul: São Paulo, 2014.

GRAHAM, Helen. **Guerra Civil Espanhola**, tradução Vera Pereira. Porto Alegre, Editora L&PM, 2013.



XII CONAGES
XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

JACKSON, Gabriel. **A república Espanhola e a Guerra Civil.** Editora Publicações Europa – América: São Paulo, 1973.

LOWY, Michel. **Revoluções,** tradução Yuri Martins Fontes. Editora Boitempo: São Paulo, 2009.

MATTHEWS, Herbert Lionel. **Metade da Espanha morreu: uma reavaliação da Guerra Civil Espanhola.** Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1975.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade.** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2004.

THOMAS, HUGH. **A Guerra Civil Espanhola,** tradução de James Amado e Hélio Pólvora. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1964.

ZIZEK, Slavoj. **Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências,** tradução Manuella Assad Gómez. Editora Cia de Freud: Rio de Janeiro, 2008.